

## **ALICE GONZAGA**

---

---

# **O FUTURO DA CINÉDIA**

---

---

Da velha Cinédia, fundada em 1930, em São Cristóvão, até as atuais instalações em Jacarepaguá, muita coisa mudou, mas não o espírito que a manteve viva e atuante nesses 48 anos de existência: o de luta pela sobrevivência como produtora de filmes de valor cultural e penetração popular, assim como de preservação da memória fílmica nacional, seja através de documentários e jornais, seja pela paciente e laboriosa organização de um grande arquivo.

A história da Cinédia se confunde com a de seu fundador, Adhemar Gonzaga, recentemente falecido, e está a exigir um trabalho sério de pesquisa e análise, talvez ainda não tentado porque o próprio Gonzaga pretendia escrevê-lo, baseado num diário que mantinha desde a criação do estúdio. Em sua nova fase, a Cinédia é dirigida pela filha de Gonzaga, Alice Gonzaga Assaf, que, com o mesmo entusiasmo e combatividade do pai, inicia a difícil tarefa de reestruturação da mais antiga produtora em funcionamento no país. Alice, atual diretora superintendente, está confiante e afirma que, juntamente com os demais herdeiros de Gonzaga, já começou a dinamizar a antiga Cinédia, que funcionará sob o mesmo símbolo criado por J. Carlos em 1934/35, mas dentro de um ritmo de trabalho crescente, como deseja a nova diretoria.



# CINÉDIA



Nascida praticamente dentro dos estúdios, Alice Gonzaga foi educada no Colégio Sion de Petrópolis, afastada voluntariamente de qualquer participação no cinema. Mas, nas férias, ao visitar a Cinédia, onde seu pai morava, ela o ajudava na atualização do diário e na seleção de recortes de jornais. Mais tarde, já casada e com filhas para educar, ela se manteve longe do meio cinematográfico até o dia em que seu pai sofreu um enfarte, em 1971, indo morar na sua casa por uns tempos.

"Aí percebi que ele estava sozinho na direção de uma empresa muito complexa e resolvi, a pedido dele, ajudá-lo, embora sem nenhuma experiência, pois até então tinha vivido exclusivamente para minha família. Passei a me interessar pela Cinédia, onde havia muitos problemas para resolver. Aos poucos, meu pai foi me passando a direção, mas sempre assessorada por ele. Gradativamente, fui me envolvendo com a Cinédia a ponto de, hoje, viver 24 horas por dia com os seus problemas, mesmo quando estou em casa.

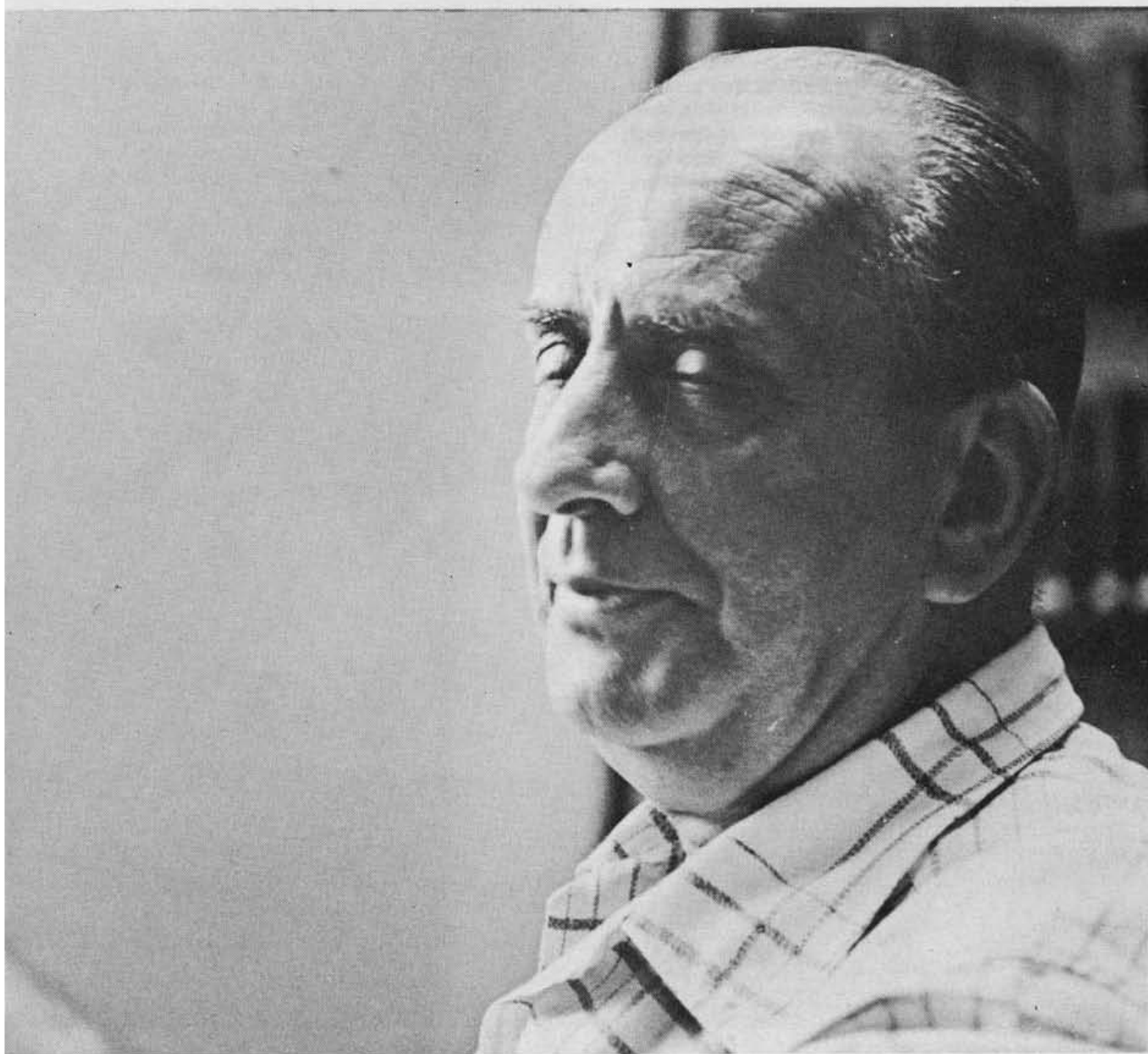
Vi-me, assim, com uma empresa, com um grande estúdio nas mãos e, lembrando o exemplo da Vera Cruz, minha primeira providência foi conseguir recursos para manter a Cinédia sempre em atividade. Começamos a sistematizar a prestação de serviços, aluguel de espaço, de material elétrico, objetos e aluguel da utilização do arquivo fílmico. Estamos complementando um fichário do arquivo com índice remissivo e cruzado, de pessoas, objetos, assuntos, locais, críticas, músicas e outros itens, de todos os 47 filmes que a Cinédia produziu.

Na área de 12.000m<sup>2</sup> já existia o estúdio A (600m<sup>2</sup>) e construímos o B (250m<sup>2</sup>), com fundo infinito ciclorama, que passamos a alugar para gravação de novelas de televisão, de filmes de longa-metragem e também para o cinema publicitário, todos utilizando a carpintaria, a contra-regra, o guarda-roupa, moviola, parque elétrico e serviços de refeitório. Assim equilibramos o orçamento. Com a tranquilidade do equilíbrio orçamentário, dediquei-me a conhecer todos os detalhes, não só da direção de um estúdio, mas também da produção de um filme, pois meu tempo era quase todo absorvido na parte administra-





À esquerda, Adhemar Gonzaga, Humberto Mauro e Pedro Lima, nos tempos pioneiros do cinema nacional; ao lado e embaixo, as últimas entrevistas de Gonzaga.



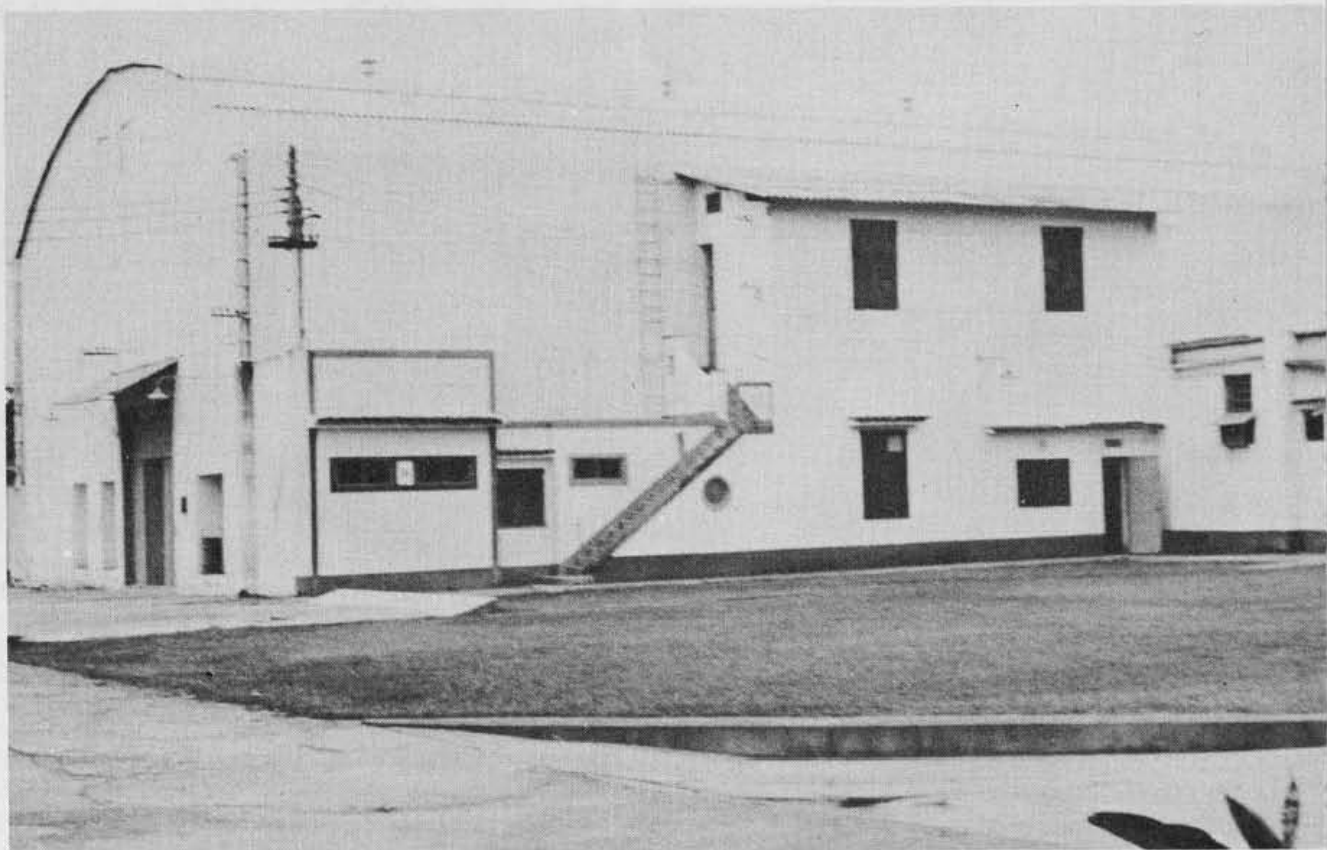
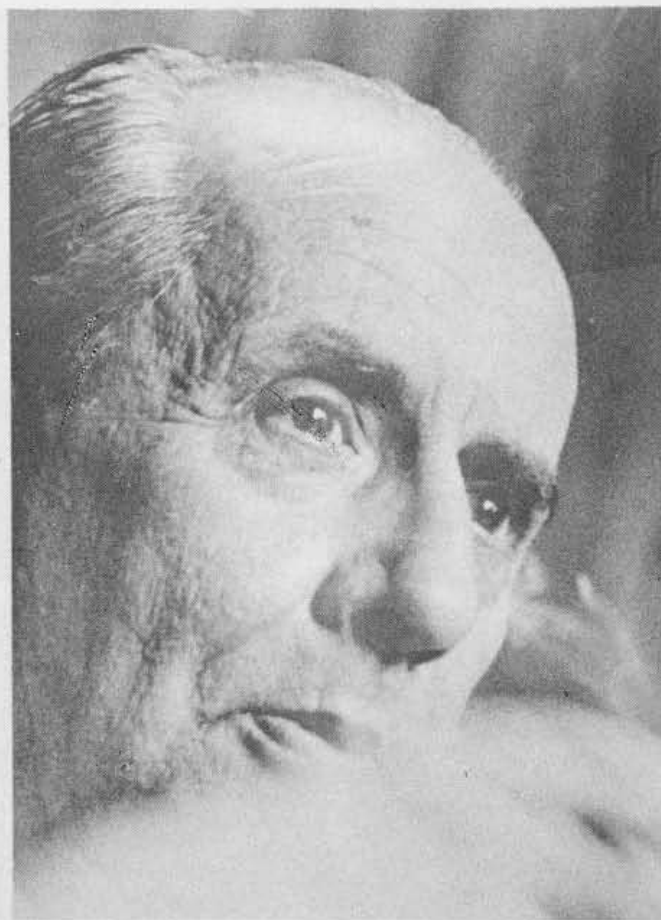


# CINÉDIA

tiva. Sentimos que a Cinédia atingiu um funcionamento estável. Basta dizer que, no dia em que meu pai morreu, o estúdio trabalhou 48 horas seguidas para atender aos compromissos assumidos, e também porque toda a equipe sabia que "o Sr. Gonzaga" não desejaria que se interrompesse uma filmagem por sua causa.

Com a estrutura que a Cinédia possui hoje, desejamos reiniciar a produção propriamente dita. Na área do longa-metragem, os planos são de começar como co-produtora, havendo já vários projetos em estudo".

Quanto ao curta-metragem, Alice decidiu caracterizar sua produção, realizando apenas filmes de memória, valendo-se do material do valioso acervo fílmico que a Cinédia possui. Neste sentido, foi iniciada uma série de documentários de montagem e pesquisa chamada Cinédia-Documento que já conta com: **Folia**, direção de Rodolfo Neder (1974), abordando o carnaval dos anos 40; **Memória do Carnaval**, direção de Alice Gonzaga Assaf, documentando o carnaval dos anos 30 (1976); **Canção de Amor**, direção de Gilda de Abreu (1977), sobre a vida de Vicente Celestino; **Canção de Ninar**, de Helio Barrozo Netto (1937), reedição de um antigo curta da Cinédia, com música de Francisco Mignone.



O estúdio A da Cinédia, em Jacarepaguá.

“Seguindo essa mesma linha, estamos planejando filmes sobre o Rei Momo, Marlene, as irmãs Batista, Mesquitinha e Rodolfo Mayer. Anteriormente, outros curtos já tinham sido realizados para o Departamento do Filme Educativo do antigo INC (**Alimentação**, 1973, e **Iniciação Musical na Reforma do Ensino**, 1974, ambos dirigidos por Adhemar Gonzaga, **Museu Histórico Nacional**, de Rodolfo Neder — ver FC/27 — e **São Luiz**, também supervisionado por Adhemar Gonzaga).

Desde que assumi a direção da Cinédia, passei a me interessar também pela organização e recuperação dos filmes do nosso arquivo e cheguei à conclusão de que estava com grande parte da memória do Cinema Brasileiro nas mãos. É um trabalho ainda em andamento. Num levantamento feito por nós em 1973, conseguimos fichar, com número de certificação de censura, data de estréia, assuntos e locução, o seguinte material: Cinédia Atualidade (ano de 1934); Cinédia Jornal (anos de 1934 até 1944); Cinédia Reportagem (de 1945 a 1948, num total aproximado de 80 jornais); Cinédia Revista (de 1937 a 1944, num total de cerca de 50 jornais); Atualidades O Globo (130 jornais entre 1940 e 1944); Globo Esportivo (40 jornais dos anos 1940, 1943 e 1944); Reportagens PRA.9 (35 filmes de 1944 e 1945); Reportagens

na Tela (17 jornais de 1945) e Brasil na Tela (anos de 1943 e 1945); Curtas-metragens: 296 entre 1934 e 1940. Entre eles, **Carlos Gomes** (1939), com Paulo Gracindo, **Première de Grand Hotel** (1932), encomendado pela Metro para lançamento do filme, com fotografia de Edgar Brasil e H. Mauro, **Canção de uma Saudade** (1936), fotografias e desenho de Edgar Brasil, **Árvores Históricas** (1935), considerado educativo pela comissão de censura cinematográfica, **Culpado** (1940), baseado em **O Desfalque** de R. Magalhães Jr., **Excursão a Cabo Frio** (1937), **Filmando Bahia** (1936), menção honrosa Júri do Cinema Brasileiro, **Filmando Copacabana** (1936), . . . **Fortaleza**, . . . **Aracaju**, . . . **Belém**, . . . **Porto Alegre**, . . . **Paqueta**, . . . **o Nordeste**, . . . **Recife**, . . . **Rio Paraguai**, . . . **Teresina**, . . . **São Paulo**, . . . **Curitiba**, . . . **E. do Rio**, etc. Infelizmente este material ainda não está em poder da Cinédia. Longas-metragens: 47.

A classificação dos filmes da Cinédia exigiram muita paciência e pesquisa. As latas dos filmes antigos em negativo eram muitas, cerca de 400, e não se apresentavam em ordem. Algumas estavam sem títulos ou então estes não correspondiam ao conteúdo, e os filmes estavam fora de sincronia, desenquadrados, oxidados e com perfuração defeituosa. São produções em nitrato, com mais de 30 anos, que estiveram,



Alice expando seus planos para o prosseguimento da obra do pai.

sucessivamente, em vários depósitos sem os cuidados necessários e manipulados por pessoas que, desconhecendo seu valor cultural e histórico, tiraram pedaços e trocaram cenas. Esta etapa preliminar está vencida, com tudo separado e identificado, aguardando entendimento com a Embrafilme para iniciarmos a contratipagem e a copiagem, assim recuperando parte da memória do Cinema Brasileiro.

Somos a única empresa particular que trabalha na restauração de filmes que, na sua maioria, não são comerciais. É um investimento de difícil retorno, pois dos 11 filmes que já restauramos só tivemos auxílio da Embrafilme para dois: **Pureza** (1940), direção de Chianca de Garcia, considerado pelo Clube de Fãs Cinematográficos o melhor filme brasileiro de 1940, baseado no romance e com diálogos de José Lins do Régio, e **Mulher** (1932), de Octávio Gabus Mendes. Nesta versão sonorizada, foi usada a valsa **Mulher**, de Zequinha de Abreu, dedicada ao filme, e músicas originais compostas e executadas por Carolina Cardoso de Menezes ao piano.

Estamos agindo rapidamente, pois ainda temos 242 latas em nitrato que requerem, mensalmente, um manuseio de manutenção. Entre os muitos filmes que estão aguardando recursos para recuperação, menciono: **Sedução do Garimpo** (1941), tendo como cenários as lagoas da barra da Tijuca, onde se vêem jacarés e tartarugas; **O Cortiço** (1945), considerado pela crítica e pela Academia Brasileira de Letras como o melhor filme brasileiro de 1945, exibido em Portugal e Espanha; **Jovem Tataravô** (1936), que trata da volta ao mundo de um homem do século passado; **Onde estás, felicidade?** (1939), um filme com toques humanos e sentimentais, dirigido por Mesquitinha; **Samba da Vida** (1937), história de larápios que se instalam na casa abandonada de um rico; **Tereré não Resolve** (1948); **Maridinho de Luxo** (1938) e muitos outros, cada um com sua particularidade. Os nossos filmes recuperados foram exibidos em duas Mostras denominadas Retrospectiva Cinédia, no MIS em 1974 e no MAM em janeiro de 1978, e já estão programadas outras exibições em Brasília e Belo Horizonte, para este ano.

De uma maneira geral, esse é o quadro das atividades da nova Cinédia. Acho o momento muito bom em termos de produção. Acredito no cinema brasileiro e tenho certeza de que a Cinédia continuará a ter uma participação efetiva na consolidação da nossa indústria cinematográfica."

---

Um dossiê completo sobre a figura e a obra de Adhemar Gonzaga (1901 – 1978) foi publicado no nº 8 de FILME CULTURA.

---



Neste depósito, isolado do resto do estúdio por razões de segurança, estão os filmes de nitrato que compõem parte do rico acervo histórico-cultural da Cinédia.



# MOVIMENTO



Zuenir Ventura, Leon Hirszman e Alex Viany (debatedores),  
Vanilda Paiva e Waldo César (coordenadores).

## IV MOSTRA DO FILME ETNOGRÁFICO

A IV Mostra do Filme Etnográfico, realizada na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apresentou como tema as migrações internas no Brasil e reuniu, de 3 a 8 de março, cerca de 2.100 pessoas.

À apresentação de filmes de longa-metragem, todos os dias, na parte da tarde — *A Grande Cidade*, de Carlos Diegues; *Vida Secas* e *Rio, Quarenta Graus*, de Nelson Pereira dos Santos; *Macunaíma*, de Joaquim

Pedro de Andrade; e *A Opinião Pública*, de Arnaldo Jabor — seguia-se um programa de documentários e os debates.

O filme de Zelito Viana, *Choque Cultural* e *Morte e Vida Severina*, exibidos no primeiro dia, foram comentados pelo cineasta e pela antropóloga Neide Esterci.

Os curta-metragens *Homens do Caranguejo*, de Ipojuca Pontes; o fragmento de *Rosa dos Ventos*, de Alex Viany; *Maioria Absoluta* de Leon Hirszman; e *Brasília, Contradições de uma Cidade Nova*, de Joaquim Pedro de Andrade, foram debatidos, no segundo dia, por Leon Hirszman, pelo jornalista

Zuenir Ventura e pelo cineasta Alex Viany.

No terceiro dia, *Aruanda*, de Linduarte Noronha; *Casa de Farinha* e *Viramundo*, de Geraldo Sarno; *Arraial do Cabo*, de Paulo César Saraceni e Mário Carneiro; e *Subúrbio Pessoa*, de Sebastião França, tiveram como debatedores os antropólogos Yvonê Maggie e Darcy Ribeiro e o cineasta Geraldo Sarno.

Os documentários *O Curso do Poeta*, de Jorge Lacleite; *A Feira e Boi de Reis*, de Manfredo Caldas; *Fala Brasília*, de Nelson Pereira dos Santos; e *Dramática Popular*, de Geraldo Sarno, projetados no quarto dia, foram analisados por Manfredo Caldas